



A representação do espaço geográfico na poesia de Carlos Pena Filho, Joaquim Cardozo e Ascenso Ferreira

Luciano Ferreira da Silva



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p469-4480>

Artigo recebido em 7 de Agosto e publicado em 7 de Outubro de 2025

REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

o presente artigo tem por finalidade fazer uma leitura de alguns poemas dos autores pernambucanos Carlos Pena Filho, Joaquim Cardozo e Ascenso Ferreira destacando em suas produções a representação via poesia do espaço geográfico. O livro de base do escritor Carlos Pena Filho é Os melhores poemas de Carlos Pena Filho e o texto poético “Guia prático da cidade do Recife” Outro escritor que elabora poeticamente a cidade do Recife é Joaquim Cardozo, seu livro de base para este estudo é Poemas selecionados e o poema escolhido é o “Recife de Outubro”. O terceiro e último autor foco do presente estudo é Ascenso Ferreira e seu livro Catimbó, Cana caiana, Xenhenhém e o poema escolhido é “Noturno”. Em um primeiro momento situaremos os poetas em sua época com uma breve biografia e logo a seguir a análise da representação do espaço geográfico em poemas eleitos para o presente estudo. Para a leitura analítica dos poemas nos amparamos em teorias críticas de estudiosos como Dalcastagnê (2015), Grossmann (1993), Marandola Jr (2010), Ortega (2009), Souza (2021) entre outros. Resumo com no máximo 320 palavras. Resumo deve ter introdução, objetivos, metodologia e conclusão.

Palavras-chave: espaço, geografia, literatura, representação, poesia.



The representation of geographic space in the poetry of Carlos Pena Filho, Joaquim Cardozo and Ascenso Ferreira

ABSTRACT

The purpose of this article is to read some poems by Pernambuco authors Carlos Pena Filho, Joaquim Cardozo and Ascenso Ferreira, highlighting in their productions the representation of geographic space via poetry. The basic book by the writer Carlos Pena Filho is *Os Melhores Poems de Carlos Pena Filho* and the poetic text “Practical Guide to the City of Recife” Another writer who poetically elaborates the city of Recife is Joaquim Cardozo, his basic book for this study is *Selected Poems* and the chosen poem is “October Recife”. The third and final author of this study is Ascenso Ferreira and his book *Catimbó, Cana caiana, Xenhenhém* and the poem chosen is “Nocturnal”. Firstly, we will place the poets in their time with a brief biography and then the analysis of the representation of geographic space in poems chosen for the present study. For the analytical reading of the poems, we relied on critical theories from scholars such as Dalcastagnê (2015), Grossmann (1993), Marandola Jr (2010), Ortega (2009), Souza (2021) among others.

Keywords: space, geography, literature, representation, poetry.

Instituição afiliada – Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

Autor correspondente: Luciano Ferreira da Silva. E-mail: lucianosf31@gmail.com



INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é fazer uma leitura de alguns poemas que foram selecionados de autores pernambucanos com o intuito de fazer uma leitura do espaço geográfico representado em suas poéticas. Para tanto, buscamos fazer uma breve anotação biográfica dos autores para um melhor entendimento do ambiente de produção poética dos autores. Também foi necessária a escolha de poemas para não ultrapassar a proposta do artigo.

Os escritores pernambucanos se situam cronologicamente dentro do Modernismo Brasileiro. Lembramos que o Modernismo no Brasil já consta com mais de 100 anos. Este movimento provocou reviravoltas na nossa estética como um todo, desde a imbricação de gêneros literários até a incorporação de marcas da oralidade na tessitura textual. A euforia modernista estava localizada mais especificamente nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, contudo ela repercutiu e também se manifestou em outros estados como o de Pernambuco com figuras expoentes como Manuel Bandeira, Mauro Mota, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardoso e Carlos Pena Filho. Faz-se agora necessário uma breve explanação e apresentação dos poetas pernambucanos.

O primeiro escritor, Carlos Pena Filho, nasceu em 1929, seus primeiros poemas, nos seus auge vinte anos, foram publicados por Mauro Mota no Suplemento literário que este dirigia no Diário de Pernambuco em 1950. Estreou em livro em 1952 com *O tempo da busca* inovando na temática e na linguagem carregada de oralidade, marcada ainda pela musicalidade e pelo aspecto pictórico. Fez sonetos, versos livres e versos brancos, falou sobre o cotidiano, o sentido das coisas vãs, os espaços naturais, urbanos e sobre a própria feitura poética, não escapou das questões sociais e emoções pessoais. Representa poeticamente os nordestinos e seus sofrimentos, a terra seca e o abandono.

Em 1956 publica *Memórias do boi Serapião* e em 1958 publica *A vertigem lúcida*. Em 1959 o escritor reúne em um livro poemas selecionados de outros livros, chamado *Livro geral*. Às vezes arrisca o mal gosto em alguns de seus poemas de propósito para justamente ironizar certa intelectualidade pernambucana da época. Cores diversas aparecem em seus poemas, havendo predominância do azul e mergulhamos numa poesia densa, tensa, emotiva, sensual, social e existencial.

O segundo escritor é Joaquim Cardozo, nasceu no Recife em 26 de agosto de 1897, fez



seus estudos na sua cidade natal e graduou-se em Engenharia Civil. Desde cedo revelou-se um poeta de grande quilate, tanto pelo domínio de formas poéticas quanto pela modernidade de suas produções. Muito jovem se tornou professor catedrático, estando especializado em cálculo e desenho. Foi muito culto, dominando em torno de dez idiomas, incluindo o chinês, o russo e o sânscrito. Foi perseguido politicamente em Recife e se mudou para o Rio de Janeiro onde monta um escritório de engenharia.

Em sua juventude, dirigiu revistas literárias, mas não publicou livros e aos 50 anos, por iniciativa de amigos reuniram-se suas poesias numa coletânea chamada Poemas. Em 1960 há a publicação de Signo Estrelado, onde se observa certo distanciamento de temas regionais. Depois temos Mundos paralelos e Trivium, livros que despertam a atenção da crítica tanto no Brasil quanto no exterior, é o “Poeta engenheiro” no sentido estrito e literário do termo. Faleceu em 4 de novembro de 1978 e foi considerado um dos grandes poetas do século.

O terceiro escritor é Ascenso Ferreira. Nasceu em Palmares, sul de Pernambuco em 9 de maio de 1895 e, segundo ele, foi “menino terrível, endiabrado, verdadeiro moleque de rua. Ia à escola a pulso”. Começou a trabalhar na casa do padrinho aos 13 anos, o nome da loja “Fronteiras” lembrava os limites da área rural e urbana. Sua vivência na loja foi fundamental para suas composições poéticas. De 1912 a 1913 possui “ânsia de beber instrução” e lê Aluísio Azevedo, Machado de Assis, José de Alencar, Guerra Junqueira, Feliciano de Castilho, Eça de Queiroz, além de Flaubert, Balzac, Chateaubriand e Goethe. Publicou sonetos, baladas e madrigais em jornais de Palmares e Recife.

Em 1924, Ascenso Ferreira recita na Faculdade de Direito os poemas “Sertão”, “Folha verde” entre outros. Em 1926, em Recife, realiza-se o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste, onde Ascenso Ferreira participa e declama os poemas “Samba”, “Serão”, “Catimbó”, “Gata Borracheira”, “Palmares” e outros. Em 1927 publica o livro Catimbó, em 1939 publica o livro Cana Caiana. Em 1951, junto com os outros dois livros anteriores, publica Xenheném. 1960 e 1962 viaja ao Rio de Janeiro e ao Rio Grande do Sul e adocece. Em 1964, em Recife, leva a vida entre o hospital e a casa e em 1965 falece.

Na esteira da busca de se analisar o espaço geográfico nos poemas selecionados dos autores é preciso lembrar:

o fundamental é a internacionalização e a metaforização dos espaços, quer apareçam eles nomeados ou não nomeados, sua transformação numa qualidade que



passa a equivaler ao universal, sua metamorfose na personalidade literária do autor e no espaço da obra, cidade dos homens e dos escritores. (Grossmann, 1993, p. 28)

A seguir, abordaremos os poemas escolhidos de cada poeta, analisando as particularidades em relação ao espaço geográfico neles representados. Explicar sobre o assunto de maneira clara e concisa, referenciando todos os autores que tiverem suas ideias expressas em seus argumentos.

1. CARLOS PENA FILHO: A POETICIDADE ESPACIAL DO RECIFE

Quanto à produção literária no primeiro momento do Modernismo Brasileiro Pernambucano, mais especificamente no que diz respeito à produção literária de Carlos Pena Filho, o poema selecionado para análise “Guia prático da cidade do Recife” foi escrito na década de 50 do século XX, em plena efervescência do Modernismo em Pernambuco com poetas mais conhecidos que publicavam e divulgavam as ideias modernistas. Nesse tempo, Carlos Pena Filho entra em contato e faz amizade com Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso e Mauro Mota, escritores pernambucanos da época que também se inspiravam nas novas possibilidades do fazer poético incrementadas pelos novos ares modernistas. A literatura incorpora a oralidade e os versos livres, brancos juntamente com outras formas fixas como o soneto, a trova, a balada e o rondó.

O poema “Guia prático da cidade do Recife” está dividido em 13 partes intituladas, respectivamente, O início (uma estrofe com 14 versos irregulares e sem rimas); O navegador holandês (duas estrofes, uma com 22 versos e a outra com 11 versos irregulares e com rimas); Manoel, João e Joaquim (uma estrofe com 68 versos irregulares e com rimas); A praia (uma estrofe e 24 versos irregulares e com rimas); Subúrbios (uma estrofe com 28 versos); A lua (uma estrofe e 14 versos irregulares e com rimas); Igrejas (uma estrofe com 25 versos e outra com 10 versos irregulares e com rimas); O bairro do Recife (uma estrofe e 42 versos irregulares e com rimas); São José (uma estrofe e 13 versos irregulares e com rimas); Chope (uma estrofe e 28 versos irregulares e com rimas); Oradores (uma estrofe e 14 versos irregulares e com rimas); Secos e molhados (uma estrofe e 30 versos irregulares e com rimas) e O fim (uma estrofe e 11 versos irregulares e com rimas).



Ao longo do poema, não o transcreveremos aqui pela sua extensão, o eu lírico vai construindo descrições metafóricas da cidade do Recife, aliando suas considerações espaciais com o tempo passado, lembrando fatos históricos ancorados na memória poética. Vejamos um trecho:

“No jardim Treze de Maio,/Manoel vai ficar plantado,/para sempre e mais um dia,/sereno, bustificado,/pois quem da terra se ausenta/deve assim ser castigado./Dali não poderá ver/a casa do seu avô/e nem a rua da Aurora,/nem o que o tempo acabou, nem o mar nem a sereia/e nem boi morto na cheia/desse rio escuro e triste, de lama podre no fundo/e baronesas na face,/que vem, modorra e preguiça,/parando pelas campinas/e escorregando nos montes,/até este sítio claro,/onde cobriram seu leito/de pedra, ferro e cimento/organizados em pontes.” (Pena Filho, p. 103)

O poeta neste trecho cita outros poetas cantores da cidade de Recife como Manoel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Joaquim Cardozo, cita também o parque Treze de Maio da rua da Aurora, a cheia que ocorreu no Recife e a triste descrição do Rio Capiberibe cheio de lama e poluição. Ainda cita as mudanças com a modernidade da cidade que cobre o leito de pedra, ferro e cimento, com as construções de pontes que cortam o centro do Recife.

Seria assim a voz lírica:

É uma voz do “sujeito social coletivo”. É uma voz que traduz muito do que se passa por dentro dos sujeitos históricos de uma sociedade moderna marcada por tanta desigualdade, quando os tempos de transformação socioespacial e de adequação cultural não se coadunam. (Suzuki In: Gratão e Marandola Jr., 2010, p. 248)

São as transformações socioculturais, políticas, econômicas e ambientais ocorridas na cidade de Recife, tudo captado pela lente observadora do eu lírico do poeta.

Na parte intitulada “A PRAIA”, o poeta descreve o espaço geográfico onde habitam seres em consonância com a cidade. Vejamos:

“Mas não é só junto ao rio/que o recife está plantado,/hoje a cidade se estende/por sítios nunca pensados,/dos subúrbios coloridos/aos horizontes molhados./Horizontes onde habitam/homens de pouco falar,/noturnos como convém/à fúria grave do mar./Que comem fel de crustáceos/e que vivem do precário/desequilíbrio dos peixes./Nesse lugar, as mulheres/cultivam brancos silêncios/e nas ausências mais longas,/pousam os olhos no chão,/saem do fundo da noite,/tiram a angústia do bolso/e a contemplam na mão.” (Pena Filho, p. 105-106).



O olhar poético sai do centro do Recife banhado por rios e vai para a parte da orla, as praias onde se percebe, já na década de 50, o avanço do mar, a precariedade da pesca e à espera das mulheres por seus maridos que vão em busca de sustento.

É a visão do eu poético sobre a cidade de Recife, assim:

A visão, entendida mais ou menos próxima de um modelo perceptivo, é tida como faculdade espacial, baseada na relação entre dois planos: espaço visto, percebido, concebido, configurado; e espaço vidente, perceptório, conceptor, configurador. A relação pode, naturalmente, adquirir distintas qualificações: mais ou menos isenta, mais ou menos projetiva, mais ou menos autônoma, etc. (Brandão In: Dalcastagnè, 2015, p. 61)

Na parte intitulada “IGREJAS” a fala poética contrasta o mote romântico da lua, que aparece na estrofe anterior, com a realidade das igrejas e dos seus entornos. Observemos:

“Não é que somente em luas,/o Recife farto seja;/é farto também de igrejas./Tem a de São Francisco,/na rua do Imperador,/com rezas para Santo Antônio/e promessas por amor;/tem a igreja de São Pedro,/no pátio do mesmo nome/que se fosse gente, há muito/tinha morrido de fome,/mas, como é, firme, resiste,/sozinha, em seu abandono/e em seu destino bem triste/de igreja quase sem dono. (...) Mas não é só; o Recife/ainda tem muitas igrejas/lavando os pecados seus./Tem lá perto do mar,/plantada em meio do mal,/a sua concatedral/chamada Madre de Deus,/que é onde essas meninhas/de Maria Madalena/vão à missa e à novena.” (Pena Filho, p. 109-110).

Na última estrofe “O FIM”, temos a constatação do poeta com relação à cidade de Recife: “Recife, cruel cidade,/água sangrenta, leão./Ingrata para os da terra,/boa pra os que não são./Amiga dos que a maltratam,/inimiga dos que não/este é teu retrato feito/com tintas do teu verão/e desmaiadas lembranças/do tempo em que também eras/noiva da revolução.” (Pena Filho, p. 118).

2. JOAQUIM CARDOZO: UM OLHAR POÉTICO DO RECIFE

O poema escolhido para a breve análise aqui proposta é o poema “Recife de Outubro”, onde percebemos que o eu poético, através do seu olhar, percorre a cidade do Recife descrevendo-a, por muitas, pelo viés metafórico. Vejamos a primeira estrofe:



“Ó cidade noturna!/Velha, triste, fantástica cidade!/Desta humilde trapeira sem flores, sem poesia,/Alongo a vista sobre as águas,/Sobre os telhados./Luzes das pontes e dos cais/Refletindo em colunas sobre o rio/Dão a impressão de uma catedral imensa,/Imensa, deslumbrante, encantada,/Onde, ao esplendor das noites velhas,/Quando a noite está dormindo,/Quando as ruas estão desertas,/Quando lento, um luar transviado envolve o casario,/As almas dos heróis antigos vão rezar.” (Cardozo, 1996, p. 44)

O eu poético faz um vocativo, e em seguida coloca adjetivos que expressam a sua impressão da cidade em um campo de visão que tende a uma visão negativa, mas ao mesmo tempo fantástica, “fantástica cidade”. Apesar do eu afirmar que não há poesia na cidade à noite, seu texto se configura poeticamente, são as águas, os telhados, luzes das pontes, dos cais, sombras sobre o rio. O olhar vai deslizando como uma câmera lenta na percepção do espaço noturno da cidade.

Podemos perceber no trecho citado, a junção do espaço social e psicológico, assim:

Mas há também os significados tidos como translatos: o “espaço social” é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas segundo balizes mais ou menos deterministas; já o “espaço psicológico” abarca as “atmosferas”, ou seja, projeções, sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade, entre as quais são bastante comuns a psicanalítica e a existencialista. (Brandão In: Dalcastagnè, 2015, p. 56)

A figura da catedral projeta um ar religioso e ao mesmo tempo ancestral “Refletindo em colunas sobre o rio/Dão a impressão de uma catedral imensa,/Imensa, deslumbrante, encantada.” (Cardozo, 1996, p. 44), na medida em que, à noite, o luar, junto com as ruas desertas ofertam o cenário para as almas dos heróis caminharem e rezarem. “Sinto no meu sangue a carícia da noite...” Cardozo, 1996, p. 44) é o verso solitário de uma estrofe, onde a personificação da noite se aproxima do eu poético.

Toda uma atmosfera espacial de perda e dor vai ganhando contornos mais apreensivos pela repetição da palavra “horas”, do emprego do verbo “morreram” e do adjetivo “mortas”, como podemos ver na progressão que acontece nos versos a seguir: “No silêncio as horas morreram;/E ao saimento/Das horas mortas/Um sino toca.” (Cardozo, 1996, p. 44). O perambular do eu poético vai descortinando o prelúdio de dor e de sofrimento: “Caminho a passo lento./Creio que alguém me espia do alto, das cornijas./Vai passando na sombra a ronda dos meus sonhos.” (Cardozo, 1996, p. 44)



Na última estrofe temos:

“Toda a cidade, eu vejo, está transfigurada:/É um campo desolado, negro,
enorme,/Onde rasteja ainda/O último rumor de uma batalha;/E a massa negra dos
edifícios,/As torres agudas recortando o azul sombrio,/Cadáveres revoltos,
remexidos,/Com os braços mutilados/Erguidos para o céu./Ó minha triste e materna
e noturna cidade/Reflete na minha alma rude e amargurada/O teu fervor católico, o
teu destino, o teu heroísmo.” (Cardozo, 1996, p. 45)

A visão caleidoscópica do eu poético observa a transfiguração da cidade noturna, onde há desolação indicial de uma batalha, seja de um passado real ou figurado, refletindo-se através dos edifícios de imagens aterrorizantes: cadáveres mutilados. Podemos reiterar as considerações com a seguinte afirmação:

O detalhe, pelo efeito de conotação que desempenha, confirma que o lugar evocado funciona na base de seu elo com o poder: na cidade o espaço é dividido, fragmentado, separado por fins econômicos e sociais talvez invisíveis, mas ativos: “os territórios de segregação” (Dalcastagnè, 2012, p. 120) que a escrita topográfica. (Vecchi In: Dalcastagnè, 2015, p. 49)

A impressão de um espaço geográfico de derrota e destruição da cidade (física e/ou psicológica) vai contaminado a alma do eu poético que se sente amargurada e amalgamada de sentimentos religiosos, trágicos e heroicos, tudo isso associado à percepção metafórica de uma degradação efetivada por poder econômico e social.

3. ASCENSO FERREIRA: A VOZ POÉTICA ORAL FALA DOS ESPAÇOS

A poesia de Ascenso Ferreira é conhecida por seu aspecto de oralidade, divisamos em seus poemas essas marcas tanto pelo vocabulário empregado quanto pelos travessões que indicam a voz de outro personagem, outro ser. Vejamos a primeira estrofe de “Noturno”, poema aqui selecionado para análise: “Sozinho, de noite,/nas ruas desertas/do velho Recife/que atrás do arruado/moderno ficou.../criança de novo/eu sinto que sou:” (Ferreira, 2008, p. 111). A visão do eu poético aqui se transfigura na imagem da criança na percepção de Recife, uma visão que vislumbra a modernidade da cidade. No único verso da estrofe



seguinte: “- Que diabo tu vieste fazer aqui, Ascenso?” (Ferreira, 2008, p. 111).

A própria voz poética se indaga, ou seria uma outra voz alertando a personagem que perambula na noite recifense e em seguida: “O rio soturno,/tremendo de frio,/com os dentes batendo/nas pedras do cais,/tomado de susto/sem poder falar.../o rio tem coisas/para me contar:” (Ferreira, 2008, p. 111). Verifica-se que a suposta criança está só no cais do Recife observando o rio e mais uma vez surge uma voz que busca alertar, seja esta do seu inconsciente ou de uma outra pessoa: “- Corre, senão o Pai-do-Poço te pega condenado!” (Ferreira, 2008, p. 112)

Na outra estrofe se acentua o clima de assombração pela descrição que o eu poético faz das casas e janelas que, metonimicamente, traz um olho de fogo: “Das casas fechadas/e mal-assombradas/com as caras tismadas/que o incêndio queimou.../pelas janelas esburacadas/eu sinto, tremendo, /que um olho de fogo/medonho me olhou:/ - Olha que o Papa-Figo te agarra, desgraçado!” (Ferreira, 2008, p. 112). Aqui notamos a segunda referência a lendas urbanas da cidade, a primeira foi o Pai-do-Poço e agora o Papa-Figo. A voz assinalada que busca alertar a criança andante noturna na cidade, também é impregnada de misticismo e assombração: é um olho de fogo.

E segue a próxima estrofe: “Dos brutos guindastes/de vultos enormes/ainda maiores/nessa escuridão.../os braços de ferro,/pesados e longos,/parece quererem/suster-me do chão!/- Ai! Eu tenho medo dos guindastes,/por causa daquele bicão!” (Ferreira, 2008, p. 112). Aqui o eu poético descreve as figuras fantasmagóricas representadas pelos guindastes e, fantasticamente, ganham vida e insinuam ameaçá-lo.

Assim:

É um diálogo de exploradores, (di)vagantes, caminhantes, leitores da cidade com projetor focado na imagem, pelo campo do imaginário e da imaginação, buscando revelações! O diálogo em torno da cidade está permeado de imagens, quando nos “deslocamos” por ela e nos deixamos “guiar” pela nossa vista, olhar, contemplação e mirada, visuais e mentais. (Gratão In: Gratão e Marandola Jr., 2010, p. 311)

E a cidade noturna solitária com suas figuras ameaçadoras e agora a voz que alerta é a do próprio personagem que deambula solitariamente no cais do Recife Antigo. Continua a próxima na última estrofe: “Sozinho, de noite,/nas ruas desertas/do velho Recife /que atrás do arruado/moderno ficou.../criança de novo/eu sinto que sou:/ - Larga de ser vagabundo,



Ascenso!” (Ferreira, 2008, p. 112). Última voz, a própria consciência poética que insiste em ser uma figura criança para metaforizar o medo que sente da modernidade do Recife? Modernidade do bairro chamado Recife Antigo?

METODOLOGIA

A metodologia empregada neste artigo foi de cunho bibliográfico. A pesquisa se deu com base em leituras da fortuna crítica referente à vida e à obra do autor, bem como leituras teóricas de estudiosos que tratam da relação entre literatura e história. No decorrer deste estudo foram sendo discutidos aspectos relacionados às características do que se compreende como novo romance histórico, cuja obra foco dessa análise se enquadra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados e as discussões aqui efetivadas vieram confirmar a hipótese de que as obras poéticas selecionadas dos autores pernambucanos englobam os aspectos estéticos de representação do espaço geográfico, entendidos aqui como metafóricos e simbólicos de acordo com cada visão subjetiva do eu-lírico. São visões que deambulam pela cidade representando tanto um passado próximo quanto um presente vivido e percebido por um olhar subjetivo, mas também crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis aqui algumas reflexões sobre as representações espaciais em três poemas de diferentes poetas sobre a sua percepção da cidade. O que nos parece como um ponto em comum é que os poetas veem a modernidade como algo assustador, todos eles são do Modernismo Pernambucano, mas com a possibilidade de emblematizar os espaços configurando-os metaforicamente dentro da perspectiva do olhar do eu poético. São imagens forjadoras de um bem perdido, assombroso e ameaçador.



Desta forma, podemos frisar que determinadas produções poéticas, mais especificamente dos autores mencionados, evidenciam olhares diferenciados sobre a cidade do Recife na Modernidade, são olhares deambulantes, ora espantados com as cenas, ora maravilhados devido a uma beleza lembrada, perdida ou fantasiada.

REFERÊNCIAS

CARDOZO, Joaquim. **Poemas selecionados**. Recife: Bagaço, 1996.

DALCASTAGNÊ, Regina & AZEVEDO, Luciene. **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FERREIRA, Ascenso. **Catimbó, Cana Caiana, Xenhenhém**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GROSSMANN, Judith (et all). **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993.

MARANDOLA JR, Eduardo & GRATÃO, Lúcia Helena. **Geografia e Literatura. Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010.

ORTEGA, Any Marise (et all). **A literatura no caminho da história e da geografia. Práticas integradas com a Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

PENA FILHO, Carlos. **Os melhores poemas**. São Paulo: Global, 1983.

SOUZA, Jamescley Almeida de. **Literafia. O diálogo entre a Literatura e a Geografia**. Manaus: Ed. Do Autor, 2021.